



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

## NAS ROTAS DO MERCADO INTERNO E EXTERNO: NEGÓCIOS E CASAS COMERCIAIS NO TERMO DE MONTE ALTO – ALTO SERTÃO DA BAHIA (FINS DO SÉCULO XIX)<sup>1</sup>

Danielle da Silva Ramos <sup>2</sup>

**Resumo:** Relegada a um papel secundário na história econômica do Brasil, aos poucos a historiografia tem contemplado a complexidade da produção e das transações comerciais das regiões interioranas, demonstrando a importância dessas regiões e das ditas lavouras de “subsistência” na economia estadual ou nacional. Nessa linha de análise, busca-se abordar que embora os empecilhos à comercialização tenham atravessado séculos, eles não foram incontornáveis. No trânsito de negócios do alto sertão baiano, a dinâmica efetivada entre casas comerciais foram meios que movimentavam a circulação de mercadorias para dentro e para fora do país, ou seja, exportando para o mercado interno e para o mercado externo.

**Palavras-chave:** Negócios; Casas Comerciais; Termo de Monte Alto; Alto Sertão.

### Introdução

Não ha sinão um meio de viação, por terra – a cavallo ou a pé, para as pessoas, e nas costas dos animais para o transporte de generos, ou mercadorias. Nada há mais fastidioso nem mais incommodo do que vencer-se longas e longas leguas, que parecem não ter fim, nas costas de um animal [...]<sup>3</sup>

Nos sertões da Bahia, embora os empecilhos à comercialização tenham atravessado séculos, eles não foram incontornáveis, e por mais fastidioso que fossem os caminhos a serem vencidos muitos transitaram pelas vias que levavam à capital do estado, Machado Portela, Minas Gerais e ao Recôncavo Baiano. Na descrição acima, apresentada no relatório solicitado pelo Ministério da Justiça, em fins do século XIX, sobre a comarca de Monte Alto, algumas considerações foram feitas sobre seu trânsito comercial: “O commercio é pequeno, concentrado na villa e povoações, e consiste na troca dos generos da terra por outros importados da capital [...]<sup>4</sup>”.

<sup>1</sup> O presente artigo é oriundo da Dissertação de Mestrado intitulada “ O mundo aqui é largo demais”: produção e comércio no Termo de Monte Alto – alto sertão da Bahia (1890-1920), sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria José Rapassi Mascarenhas e coorientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Novaes Pires.

<sup>2</sup> Mestre em História Social, UFBA.

<sup>3</sup> Relatório solicitado pelo Ministério da Justiça. APEB. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Administração. Correspondência recebida da Câmara de Monte Alto, maço: 1361, 14 de novembro de 1883.

<sup>4</sup> APEB. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Administração. Correspondência recebida da Câmara de Monte Alto, maço: 1361, 14 de novembro de 1883.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

Apesar de ter sido considerado pequeno, foi intenso o fluxo de itens advindos da agricultura ou da pecuária escoados pelos comerciantes montealtenses. Longe de representar uma “troca” com artigos da capital, denotando uma simples aquisição do que não se produzia no sertão, altas somas de dinheiro estiveram envolvidas nas transações comerciais, importantes não apenas para a venda dos produtos sertanejos, mas também para a lucratividade dos comerciantes da capital e de outros lugares. Nesse trânsito de negócios, destacava-se aquele realizado com as casas comerciais.

### Negócios e Casas Comerciais no Termo de Monte Alto – Alto Sertão da Bahia

Monte Alto, 08 de setembro de 1904  
Illm. Snr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira  
Amigo e Senr<sup>o</sup>

Pelo n/ amigo Snr C[el] José Antonio de Castro Tanajura me foi entregue a estimada carta deb Vs<sup>a</sup> de 6 do corrente, a quantia de Rs. 2:775.280 que me remetterão os Senr Moraes e Cia, e bem assim carta e conta corr[e] dos mesmos senr[s], tudo por intermédio de vsa, como agente geral d’aquelles senr[s] em Caetité. Tudo muito certo até aquella data. Ha pouco a nossa firma social fes pedido a casa por intermédio do C[el] Fran[co] Castro e já mandamos pagar. A crise está horror e logo q melhore faremos pedido, pois como sabe, é a única casa com quem negociamos fazendas na Bahia. É provavel os snr[s] Moraes e Cia terem recebido em 2 do corr[e] quantia meu favor no Banco da Bahia e com tempo já pedi a elles p<sup>a</sup> pedirem a Vs<sup>a</sup> p<sup>a</sup> me pagar aqui e de já peço ao meu Ill e digno amigo p<sup>a</sup> ir reservando algum miúdo , eu m[to], lhe agradecerei, visto agr. falta e dificuldades p<sup>a</sup>. m[as] comprar aqui. Sem mais continuo sempre com maior estima de Vs<sup>a</sup>. Amigo e att e crê. José Dias Laranjeira.<sup>5</sup>

Possuidor de uma casa de negócio no arraial do Boqueirão do Parreira, José Dias Laranjeira obtinha mercadorias fornecidas pela firma Moraes & Cia para abastecer a sua casa comercial. Dando exclusividade ao fornecimento de fazendas, estrangeiras e nacionais, as negociações foram facilitadas e intermediadas pelo político e influente negociante Deocleciano Pires Teixeira, morador em Caetité, responsável pela aquisição de mercadorias e remessas de dinheiro de muitos negociantes sertanejos. A firma, localizada à rua Conselheiro Dantas, número 23, Freguesia da Conceição da Praia na cidade de Salvador, e tendo como sócios os senhores Bernardo Martins Catharino, José Joaquim de Moraes, Alberto Moraes da Costa Martins e Alfredo Duarte de Almeida

<sup>5</sup> APMC. Fundo: Deocleciano Pires Teixeira. Serie: Correspondências recebidas filhos – J /Z. Cx: 01 Maço: correspondentes fixos para Deocleciano da letra J-N, 1904.



Navarro, representa uma das muitas casas comerciais que se mantiveram atuantes nas transações comerciais do termo de Monte Alto.

José Dias Laranjeira manteve como fiel cliente apenas à Casa dos senhores Moraes & Cia, o que não foi opção para a maioria dos negociantes em Monte Alto. Em seu inventário, arrolado no ano de 1910, não possui detalhes sobre o negócio, apenas que era mantido em sociedade com o cunhado Joaquim Dias Laranjeira.<sup>6</sup> Provavelmente, as mercadorias fornecidas pela Moraes & Cia, atendiam às necessidades de seu comércio, e a relação mais estreita, tratando-os como “nossos amigos”, poderia facilitar o oferecimento de melhores condições de pagamento. Vínculos mais estreitos construídos em meio a negociações não foram incomuns no alto sertão. Paulo Henrique Duque Santos observou que “Antonio Salles, um dos proprietários da firma Salles & Filhos, mantivera uma relação pessoal com fazendeiros da região”.<sup>7</sup>

Manoel Messias Rodrigues, por sua vez, não se restringiu a negociações com uma casa comercial. Em correspondência remetida a Deocleciano Pires Teixeira, no ano de 1905, constata-se o envio de pagamentos a uma diversidade de casas comerciais da capital, sendo remetido “a V. Ex a importância de reis 2: 193.550 para fazer-me o favor de entregar a diversas casas na Bahia: sendo, a João Maria Carv<sup>a</sup> a importância de 1.592.550[...] a Paes Vieira e Cia 908.000, e a Alfredo Monteiro e Ci<sup>a</sup> 326.000”.<sup>8</sup> Considerando que os itens comercializados por essas firmas eram variados, sendo a João Maria Carv<sup>a</sup> direcionada ao comércio de roupas e fazendas, e a Paes Vieira de louças, vidros, bebidas e metais em obras, estrangeiras e nacionais, torna-se evidente que Manoel Messias Rodrigues comercializava em sua loja uma variedade de artigos, não se restringindo a um ramo específico de materiais. O balanço das mercadorias da loja de Domingos Nunes Dourado ilustra bem essa situação. Representando o segundo maior

---

<sup>6</sup> Conforme Kátia Mattoso (1992, p.495), “a forma mais difundida de associação comercial era a ‘sociedade’. Bastavam duas pessoas para formar uma sociedade comercial, desde que contribuíssem para a formação do capital, fosse a dinheiro, títulos comerciais ou outros bens, fosse em forma de trabalho ou no exercício de alguma especialidade”.

<sup>7</sup> SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Légua Tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia. Caetité, 1890-1930. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014, p.121.*

<sup>8</sup> APMC. Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Cx: 01. Data Limite: 1896 a 1930, 1905.



bem na riqueza inventariada, com um valor total de Rs. 1:907\$104, fazendas e molhados, por ele comercializadas serviram ao consumo da população local.<sup>9</sup> Além de variados produtos nacionais, como as peças de algodão que em suas marcas fazem referências a locais como Vila do Conde e Valença, produtos importados também ocuparam as prateleiras do comércio e residências locais.

Rômulo Almeida (2009, p.104) destaca sobre a importação que “ ‘antes dos liberais princípios’ as atividades internas exigiram relativamente mais bens de produção, ferramentas, matérias primas, etc. Depois entrariam preponderantemente artigos de consumo”, atingindo não apenas as residências dos indivíduos mais abastados. Os produtos de importação foram variados no decorrer do XIX, tais como: “tecidos de lã, linho e seda, objetos de vidro, ouro e prata, perfumaria, todo tipo de instrumento musical, remédios, vinhos, especiarias, farinha de trigo, óleo de oliva, bacalhau etc.” (MATTOSO, 1992, p.488) Firmas como a Moraes & Cia, Eduardo Fernandes & Cia, Rodrigues Fernandes & Cia e Antônio Francisco Brandão & Cia, dedicavam-se à importação de mercadorias como as citadas acima. A Moraes & Cia comerciava com os mercados de Manchester, França e Itália, negociava ainda com o norte e sul do Brasil fazendas de algodão da manufatura local, era uma das “grandes casas estabelecidas na Bahia, e que existem hoje (1949)” (ALMEIDA, 2009, p.104). A Eduardo Fernandes & Cia, se destacou na importação de ferragens da Europa e dos Estados Unidos, sendo vendidas tanto na Bahia como em Sergipe. Rodrigues Fernandes & Cia, firma também de importação e exportação, sobressaía-se na importação de fazendas, transacionava com os mercados de Manchester, Paris e Hamburgo. E no comércio de exportação envolvia-se com o cacau, café, tabaco, piaçaba, algodão e borracha. A firma Antônio Francisco Brandão & Cia voltada, igualmente, para a importação de fazendas de mercados europeus, comercializava-se, também, tecidos nacionais, recebidos de várias fábricas do Brasil e produtos do interior do estado para serem vendidos em comissão, como: açúcar,

---

<sup>9</sup> Fórum Dr. Alcebíades Dias Laranjeira – Palmas de Monte Alto. Inventariado: Domingos Nunes Dourado. Mç: 39, 1891.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

borracha, café, algodão, couros e peles.<sup>10</sup> Além das mercadorias que adentravam no sertão via porto ou cidade de Salvador, houve aquelas vindas de Minas Gerais. Mesmo não localizando nome de casas comerciais que efetivaram transações com os negociantes do termo de Monte Alto, os inventários e livros de notas documentam informações que evidenciam essa prática.

O município de Boa Vista do Tremedal era um exemplo de relações comerciais com Monte Alto. Nas observações apontadas por Neves sobre suas práticas comerciais em seu estudo corográfico, no início do século XX, destaca-se a dinâmica efetuada com a Bahia, tanto no que diz respeito a exportações, como a importações. “Gêneros como fazendas nacionais e estrangeiras, molhados, ferragens, miudezas, sal, gaz e outros generos do consumo, [eram] comprados em maior escala na praça da Bahia e em menor na do Rio [...]” (NEVES, 2015, p.296). A Bahia foi também o principal destino dos produtos que partiam de Boa Vista do Tremedal, como o gado vacum e cavalariço, couros seccos e peles, sola, borracha de mangabeira, cachaça, café, toucinho, milho, arroz, feijão e outros produtos, exceto o algodão que era exportado para as Fabricas de Tecidos mineiras e raras vezes para a Bahia.<sup>11</sup>

Porém, se existia uma diversificação de mercadorias fornecidas, havia também uma diversificação nos serviços oferecidos nesses estabelecimentos, ao tempo em que vendiam derivados do algodão, por exemplo, alguns negociantes investiram também na sua aquisição. Na propaganda estampada no jornal A Penna, da cidade de Caetité, Octacilio Alves Brandão vendeu o seu “produto” apresentando não apenas as vantagens que garantiriam a satisfação dos fregueses, mas também reservando espaço para demonstrar o quão completo era os serviços fornecidos pela Loja Marinho.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Informações publicadas às vésperas da Primeira Guerra Mundial no volume “Impressões do Brasil no século XX” para avaliar as condições do Brasil, editada em 1913 e impressa na Inglaterra por Lloyd’s Greater Britain Publishing Company, Ltd. In: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/ho300g42g11.htm>>. Acesso: 04, de agosto, 2015.

<sup>11</sup> NEVES, Antonino da Silva. Chorographia do Municipio de Boa Vista do Tremedal, Estado de Minas Gerais, 1906, p.296. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>. Acesso em: 06 de novembro de 2015, p.296.

<sup>12</sup> “O jornal “A penna”, editado no município de Caetité, circulou entre os anos de 1897 e 1943. De publicação quinzenal, considerava-se o “orgam dos interesses comerciais, agrícolas e civilizadores do alto

Figura I: Anúncio da loja de Octacilio Alves Brandão, em Monte Alto – 1921



Fonte: Jornal A Penna, Caetité, p.09, 17 de março de 1921.

A procura do algodão, couros, peles e borrachas por negociantes como Octacilio Alves Brandão está associada à demanda comercial que esses artigos possuíam no mercado, tanto nacional como internacional. Para remeter o produto a exportadores, uma extensa rede de sujeitos se formava; da produção do pequeno ao grande produtor, passava pelas mãos de negociantes locais, que também eram produtores, e daí era encaminhado para firmas, em sua maioria, localizadas na capital do Estado, que o remetia para mercados diversos. Atenta à lucratividade que a extração da maniçoba – matéria prima da borracha – podia fornecer, Dona Sisinia de Carvalho Laranjeira no auto de inventário do seu esposo, José Dias Laranjeira, denunciou a invasão e retirada do leite da maniçoba do terreno a eles pertencentes, “os quaes desde o anno passado que estão assolando os mattos do citado sitio tirando d’elles o proveito, como seja a extracção do leite da maniçoba em que são bastante fertêis os respectivos terrenos, trazendo essa invasão prejuízo incalculável aos preferidos filhos”.<sup>13</sup> Em plena vigência do crescimento industrial, a demanda da borracha nos países industrializados “crescia fortemente, devido à utilização da mesma na fabricação de pneus de veículos: de bicicletas primeiro, de automóveis depois [...]”.<sup>14</sup>

---

sertão. Era impresso na “ Typographia d’A Penna”, de propriedade de João Antonio dos Santos Gumes, jornalista, romancista e dramaturgo, que exerceu os cargos de escrivão, coletor estadual e federal, secretário e tesoureiro da Intendência Municipal” (SANTOS, 2014, p. 17)

<sup>13</sup> Fórum Dr. Alcebíades Dias Laranjeira – Palmas de Monte Alto/Ba. Inventariado: José Dias Laranjeira. Cx: J, 1910. Documentação não catalogada.

<sup>14</sup> SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional (1889-1930). In: FAUSTO, Boris (org.). História geral da civilização brasileira. O Brasil Republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930). t. 3. v. 1. 6ª. ed. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1997, p.361.



**A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?**

**28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA**

Até às vésperas da primeira guerra mundial o Brasil manteve-se hegemônico graças ao volume da produção extraída na região Amazônica. E apesar da posterior queda na exportação com a entrada no mercado da produção oriunda das plantações da seringueira no Extremo Oriente, permaneceu como um dos principais produtos a ganharem o mercado internacional nos anos iniciais do século XX.<sup>15</sup> Na Bahia, a Secretaria de agricultura, indústria, viação e obras públicas do estado, buscou aumentar os níveis econômicos com a implantação dessa produção. Ao seu serviço, Joaquim B. percorreu no ano de 1899 a região interiorana para levantar informações acerca da planta da maniçoba. Ao passar por Machado Portela, relatou a identificação de sementes parecidas com as distribuídas pelo estado afim de inseri-las na produção baiana, com uma grande variedade de plantas da mesma família da maniçoba, “desde a miçoba até a mandioca brava”.

Ella encontra-se nas planícies, como nos morros e sempre em grandes aglomerações. Em todas as catingas que percorri; da Estação do Sitio – Novo para cima, em Machado – Portella, Rio de Contas, Caetité, Monte Alto e na bacia do Rio S. Francisco, encontra sua planta à margem das estradas. [...] Nada podemos afirmar sobre a quantidade em produção da lactose nessas plantas, por quanto, como já dissemos, a secca tem paralisado a vegetação das Catingas estando ellas como que, em um estado latente. Apesar d’essa condição anormal, as plantas que sujeitamos a experiência resconderam bôa porção de lactose, [...] A borracha é de bôa qualidade. [...] É de supor e, pela natureza dessa planta, que, tenha em crescimento rápido. Quanto a produção, qualidade e valor desse produto, é de grande vantagem a cultura d’essa variedade, a qual pode sobrepujar a outras conhecidas; a facilidade da cultura, a vastidão da rama de adaptação, são outros tantos atractivos, para sua exploração.<sup>16</sup>

Mesmo a Bahia não se destacando na produção da borracha, contribuiu, ainda que minimamente, nas receitas da economia do estado. No demonstrativo de produtos exclusivamente sujeitos a tributos, a Borracha da Mangabeira e da Maniçoba apareceram na quinta e sexta posição respectivamente, atrás do cacau, café, fumo e açúcar, no ano de 1920.<sup>17</sup> O couro e a pele, por sua vez, também contribuíram nas receitas do estado, “entre os anos de 1890 a 1906 a Bahia exportou 38.168 volumes de peles de cabras,

---

<sup>15</sup> Ibidem, p.345-390.

<sup>16</sup> APEB. Fundo: Secretaria de Aviação, Industria e Comércio. Cx: 2382. Mç:166. Doc.: 634 a 639, 1899.

<sup>17</sup> APEB. Fundo: Fundo: Secretaria do Interior e Justiça. Grupo. Gabinete. Serie: Estudos sobre expansão econômica. Caixa: 3450.Mç: 92. Data limite, 1924



equivalendo a 2.761,76 toneladas. No ano de 1911, foram exportados 458.745 quilos de peles, no valor de Rs.599:090\$500 (aproximadamente Rs. 1\$306 por quilo)”.<sup>18</sup>

As casas comerciais foram os meios que movimentavam a circulação de mercadorias para dentro e para fora do país, ou seja, exportando para o mercado interno e para o mercado externo. A Antonio Guimarães & Cia, fundada em 1867, manteve-se ativa nesse processo. Localizada em São Félix, no início do século XX, Plínio Moscozo & Cia tornou-se os sucessores desta companhia, recebiam gêneros do país para serem direcionados a capital e ao exterior e importavam produtos da Europa e da América, comercializando uma intensa variedade de artigos, como: miudezas, ferragens, pólvora, aço, ferro, louças, espingardas, vinhos, açúcar, arroz, bolachas, etc.<sup>19</sup>

De maneira similar, atuou o negociante Gustavo Bezerra de Araújo, que tinha sua casa de negócio em Bella Flor, termo de Monte Alto, na praça da feira.<sup>20</sup> Ao comercializar mercadorias como: tecidos, miudezas, ferragens, chapéus, perfumarias e armas de fogo, e remeter gêneros do país a Salvador e Recôncavo Baiano, manteve-se em contato com importantes negociantes aí estabelecidos. Merece destaque o comércio da maniçoba mantido com a firma Hirsch, Hess & Co. Fundada em 1888 compunha-se de sócios estrangeiros, como, J. Henry Hirsch, natural de Nova York, tendo aí uma firma em sociedade com Adolph Hirsch, que também foi sócio da citada firma – voltada ao negócio de diamantes e borracha - e o alemão Sigmund Hess. A firma funcionava como exportadores de produtos, a saber: couros, peles, borracha, cera, penas, diamantes e carbonatos. Como as transações de Gustavo Bezerra de Araújo eram voltadas a

---

<sup>18</sup> SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Léngua Tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia*. Caetité, 1890-1930. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014, p. 299

<sup>19</sup> Fonte: APMC. Fundo: Polo Documental de Caetité e região. Universidade do Estado da Bahia –Uneb. Arquivo Público Municipal de Caetité. Comarca: Guanambi. Grupo Funcional: Cartório de Registro Civil. Subgrupo funcional: Inventário. Inventariado: Joaquim Alves Neto, Cx. 139, Mç:07, 1909. Conforme Kátia Mattoso (1992, p.495), “as constantes mudanças de razão social mostram que as sociedades costumavam ser efêmeras: os sócios se separavam por mútuo consentimento, pela saída de algum, que era substituído, ou quando, após a morte de um deles, os herdeiros optavam por se retirar.”

<sup>20</sup> UNEB. Arquivo Público Municipal de Caetité. Comarca: Guanambi. Grupo Funcional: Cartório de Registro Civil. Subgrupo funcional: Inventário. Inventariado: Gustavo Bezerra, Cx. 140, Mç:02, 1912.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019  
UNEB - Caetité, BA

manijoba, elas atenderam ao vigoroso comércio da borracha, as remessas realizadas por Gustavo Bezerra foram constantes no ano de 1911.<sup>21</sup>

Portanto, com a dinâmica firmada entre as casas comerciais da capital e as do Recôncavo Baiano com as do alto sertão foi possível a sua participação no comércio estadual, nacional e internacional, tanto através do escoamento de produtos sertanejos a distintas partes do mundo, como pela atuação dos negociantes na venda de mercadorias nacionais e estrangeiras no termo de Monte Alto.

## Referências

ALMEIDA, Rômulo Barreto de. Traços da história econômica da Bahia no último século e meio. **Revista do Desenvolvimento Econômico (RDE)**. Salvador, Ano XI, n.19, jan.2009.

MATTOSO, Kátia. M de Queirós. **Bahia Século XIX: Uma Província no Império**. Editora: Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992.

NEVES, Antonino da Silva. **Chorographia do Municipio de Boa Vista do Tremedal**, Estado de Minas Gerais, 1906, p.296. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>. Acesso em: 06 de novembro de 2015.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Légua Tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia**. Caetité, 1890- 1930. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014.

SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional (1889-1930). In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira**. O Brasil Republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930). t. 3. v. 1. 6ª. ed. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1997.

---

<sup>21</sup> Adolph Risch foi presidente e tesoureiro da Diamond Drill Carbon Co. New York, onde T. Henry Hirsch foi vice-presidente. Em 1904 adquiriram uma propriedade, com 54 milhas quadradas de plantações de borracha, no estado do Piauí. Na primeira colheita, em 1910, foram colhidas 25 toneladas de borracha, em 1911 excedia 40 toneladas. A firma possuía ainda uma instalação para o preparo da borracha, próxima à estação da Estrada de Ferro da Bahia e um armazém para classificação de couros e peles. Informações publicadas às vésperas da Primeira Guerra Mundial no volume “Impressões do Brasil no século XX” para avaliar as condições do Brasil, editada em 1913 e impressa na Inglaterra por Lloyd’s Greater Britain Publishing Company, Ltd. In: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g42g11.htm>> Acesso: 04, de agosto, 2015.